



O Galato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V—N.º 113 Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
26 de Junho de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

MENDICIDADE

TRAZEMOS hoje à tela uma pequenina des-trinça social entre o pobre e o mendigo, por causa da confusão que o nosso povo costuma fazer entre estas duas classes que precisam. Uns e outros são semelhantes a nós, sim, mas a verdade é que lhes não devemos por igual. Há mendigos que não são pobres e, por outro lado, há um mundo de pobres que não são mendigos. Nunca mendigaram. E daqui se infere que, para necessidades diferentes, urgem medidas diferentes.

Ocupêmo-nos em primeiro lugar do pobre e vamos já defini-lo como a riqueza espiritual e material do mundo. Riqueza espiritual, digo. E' nesta classe de irmãos que nós podemos exercer com eficácia as mais altas virtudes do cristianismo, pela necessária desigualdade dos dons da graça e da natureza. Nem todos recebem o mesmo. A muitos parece-lhes que a sociedade seria uma coisa perfeita, no dia em que os pobres não fôssem, mas tal não se encontra na doutrina. *Sede misericordiosos*, diz o Mestre. Ora como poderíamos nós sê-lo, sem pobres à nossa beira, — como? Nós temos esta ansia escrita no coração. O homem tem necessidade de dar-se. Uma das suas grandes inquietações, é não atinar como nem a quem. Sim. Nós precisamos de quem precise de nós; de quem nos peça, com legítima necessidade. E' absolutamente impossível haver no mundo alguém que se baste a si mesmo. Pode dizer que sim, mas a fala interior é outra. Somos feitos e creados na dependência. Trazemos esta lição nos membros do nosso corpo mortal; eles dependem uns dos outros, pela sua desigualdade. A igualdade é uma palavra. Sim. O pobre é a riqueza espiritual das almas. A nossa verdadeira riqueza. Aonde iríamos nós por testemunhas de defesa no tribunal de contas, se não fôsse o pobre, — aonde? Contas da hora derradeira. Hora tremenda!

Naquele tempo, aproximou-se do Mestre um homem de categoria, a pedir um favor muito importante; uma coisa impossível aos homens. Os circunstantes conhecem o caso. Conhecem o homem e intercedem: — *Mestre, escuta; atende. Ele faz bem aos pobres.* De outra vez, era um cobrador de impostos, cuja vida nem sempre tinha sido limpa. Fala ao Mestre das suas culpas e justamente na hora em que se propõe uma reforma de vida, teve necessidade de invocar os pobres. *Mestre, disse, doravante quero dar aos pobres metade do que tiver.* Isto aconteceu naquele tempo e isto acontece agora. Não há ninguém que, ao sentir a hora da graça, não vá logo direito ao pobre, com desejo estuante de o ajudar, — ninguém! Ajudá-lo directamente ou por meio de outrem, o que vem a dar na mesma. Uma sociedade sem pobres, não. Não pode havê-la. Sociedade aonde o pobre seja compreendido e devidamente auxiliado, isso sim. Isso é a perfeição.

O pobre é, ainda, a riqueza material do mundo. Quem é que transforma a matéria prima? Quem é que a adapta às necessidades da vida? O pobre. As classes pobres. De quem se vale o mundo para construir mundos? De mãos calejadas. Até as mais exquisitas peças do nosso adorno são feitas por mãos de pobres, nem sempre bem remuneradas...! Tenho entrado vezes sem conta em casas muito pobres, de onde saem artigos de luxo para montras fascinantes, e deixei do algum dinheiro de esmolas que me confiam. Às vezes quedo-me

nas ruas a contemplar as vitrines. Quem passa dirá que também estou a ver e não é assim. Estou mas é a meditar. Não na fantasia exposta, mas na verdade que ali não aparece: *Deixe-me ficar alguma coisinha prajuda.* E eu deixo ficar alguma coisinha para ajudar as despesas feitas por mãos que trabalham! O mundo tem-se esquecido que o operário é digno da sua justa recompensa.

Chegados que estamos a este ponto, já sabemos o que se deve ao pobre; às classes pobres. Primeiramente, dar-lhes provas que estamos com eles. Que sentimos com eles. Que somos irmãos deles. Depois, ajudá-los na sua pobreza. E finalmente, levá-los a respeitar a sua condição. Este ponto é muito importante. Uma grande desgraça social de agora, reside justamente nisto de as classes pobres pretenderem exorbitar e sair da sua condição, — e não está certo. A quem chinela, chinela. A quem sapato, sapato. Tanto merece um como o outro, se ambos estão no seu lugar. Esta doutrina é segura e todos nós temos obrigação de a prègar uns aos outros. Como? Vivendo sobriamente. Vida sobria. As classes ricas, não devem exorbitar. E' da natureza do homem olhar para cima e aprender no que de lá vem. Que se equilibrem os do andar superior e desta sorte garantem o equilíbrio dos andares fundeiros. Os primeiros apóstolos, pediam aos ricos do seu tempo que não esbanjassem; que poupassem. E logo davam a razão: *Para terem por onde reparar.* Ontem como hoje e sempre, esta palavra é nova.

Até aqui os pobres. Agora vamos aos mendigos. Quem faz o mendigo somos nós mesmos. O feirante de chagas postizas, o mentiroso das romarias, o rezador dos santuários, o vagabundo dos caminhos. As creanças que eles torturam, as mulheres fáceis que os acompanham, a vida que todos levam, — tudo isto é o produto da nossa sensibilidade doentia, que serve em muitos casos o propósito dos que se sentem desobrigados, dando-lhes um tostão. Soubessemos nós todos fechar a mão com amor decidido, que a mendicidade havia de diminuir. Fechar a mão com amor? Sim. Fechá-la por caridade. Caridade cristã. Amor do nosso semelhante.

Há dias, alguém de muita responsabilidade, deu uma moeda na rua a um destes mendigos. Eu estava ao pé e perguntei-lhe se tinha ficado satisfeito consigo mesmo, dando tal esmola a tal pessoa. Respondeu-me que não, mas que o fez por causa do povo. Ora nós precisamos de ter a coragem de afirmar os nossos actos diante de toda a gente. Que importa que o povo fale? As multidões não sabem discernir. O pior mal é precisamente aquele que nós cometemos por bem; com aparências de bem. Ninguém entrega uma espingarda carregada a uma creança, com medo que ela venha a ter perigo. Ninguém deve encorajar a mendicidade viciosa, para que o mendigo não venha a degradar-se ainda mais. Isto é saber fechar a mão. E é tudo quanto nós outros devemos ao mendigo profissional. Ele resolverá por si mesmo o seu problema, à maneira que nós soubermos resolver o nosso, humanamente e cristãmente. Não é mandar embora; é chamar a uma vida decente um membro da comunidade. Que nenhum de nós queira desobrigar-se com a facilidade do tostão, antes procure por todos os meios ao seu alcance, compreender quem é o Mendigo e fazer por êle tudo quanto puder.



Os jardineiros embelezam a nossa aldeia

Nota da quinzena

Nós temos conta aberta no Banco Espírito Santo de Coimbra, mas não temos ali dinheiro depositado. Não temos. Se o P.º Manuel o cheirasse, não me deixaria em paz... Ele é pior que o P.º Adriano. Tem mais pressa. E' mais novo. Pois bem. Mandeí d'aqui um cheque e recomendei que não poderia ser recebido sem que do Porto chegasse aviso da nossa cobertura. Assim instruído, P.º Manuel apresenta-se com o documento ao Gerente do Banco, disposto a esperar recado da Filial do Porto. *Não espere*, disse o Gerente, e mandou pagar! Foi um risco. O Gerente arriscou-se a ficar sem aquêle dinheiro — quinze mil escudos. Os gerentes dos Bancos não são banqueiros. Aquela soma far-lhe-ia muita falta. Não importa. Mandou pagar.

Mais. Quando das colocações dos Rapazes do Lar nas províncias d'além mar, pedimos ao Ministro das Colónias um subsídio à Obra da Rua, para podermos ajudar os viajantes nas despesas do casamento. Fomos atendidos em parte. Não chegou. Foi preciso dar mais alguma coisa a cada um, o que fizemos dos nossos difíceis dinheiros. Eu até digo quanto: 500\$00 a cada. Escreveu-se neste sentido ao Ministro da Justiça. São rapazes dos Reformatórios. Havia título para pedir a Ele. Demos os nomes de cada um e dos estabelecimentos de onde vieram para o nosso Lar. O Ministro não mandou indagar. Acreditou em tudo quanto a gente disse. O tesoureiro deu duas voltas ao cofre. Eu estava por detrás, peguei nas cinco notas em folha e arrumou. Mais ainda. A nossa propriedade em Miranda do Corvo, tem-se alargado em geiras e leiras, que se vão comprando à medida que os vendedores aparecem. Nós fechamos o negócio, se o preço é honesto. Pagamos dos nossos difíceis dinheiros. Requeremos isenção de direitos. Tomamos posse. Começamos a trabalhar e ao depois vamos a Lisboa dizer uma palavrinha ao Senhor Subsecretário da Assistência Social. Este Senhor podia mandar ver pelos Seus funcionários. Eles são tantos. Podia, sim, mas não o tem feito. Ele acredita. E' assim por toda a parte e com toda a gente. Ora isto vem hoje aqui em nota da quinzena, como um hino harmonioso e fervoroso à Verdade. A Mentira por mais que se pinte, é sempre mentira. Tem fraco pai. E' Satanás! A Verdade é de natureza increada. Deus é a Verdade.

RUMO AO LAR ————— RUMO AO MAR



Chico e mulher

Olimpio e mulher

É do Génesis que Deus, considerando que o homem não podia ficar só no paraíso terrestre, achou por bem dar-lhe uma mulher, formada de uma costela de Adão, dizendo-lhes em seguida:— Crescei e multiplicai-vos.

O nosso Lar dos ex-Pupilos, que tem como uma das suas finalidades incutir no espírito dos seus rapazes sentimentos de solidariedade, preparando-os para a formação de lares cristãos, teve, há pouco, uma das páginas mais brilhantes da sua história, levando, no passado mês de Maio, cinco pupilos aos pés do Altar de Cristo. Foram eles o César, o Simões, o Chico, o Abel e o Guedes. Cinco lares católicos que se formaram, cinco pontos luminosos que no seu facho de luz perene não de glorificar a Cristo e mostrá-Lo às outras almas.

Vão, a estas horas, quatro casais a sulcar os mares, com destino às nossas possessões ultramarinas, pioneiros que não de aprofundar, em Angola e Moçambique, raízes da Obra da Rua. A excepção do Guedes, são os primeiros que partiram dos 14 que foram indicados.

Descrever todos os passos de preparação para os casamentos seria impossível, mas alguns há que merecem ser relatados pela franqueza que encerram, pelo bom e sublime de que todos são capazes de manifestar.

A confeccionar os fatos, trabalhava-se até altas horas da noite, às vezes pelas 2 da madrugada, e isto depois do tempo oficial. Um dos alfaiates fez um casaco a um seu colega noivo, também alfaiate, não lhe levando nada e ainda lhe deu por acréscimo umas boas dezenas de

escudos das suas forçadas economias. No arranjo dos papéis, quase todos deram os seus passos nesse sentido, porque os documentos, com a urgência solicitada, tiveram de ser conseguidos um curto lapso de tempo. Mas onde todos patentearam bem a sua camaradagem, o seu afecto e amizade pelos colegas que iam partir, foi no jantar de confraternização e de despedida. Estavam presentes cerca de cinquenta pessoas, entre as quais os noivos e suas respectivas mulheres. Tudo decorreu no melhor ambiente de família, como se todos fossem irmãos no anseio do mesmo destino. Pairava na sala uma alegria sã, sem affectação, com uma cota de benéfica irreverência aqui e além, levada por um outro rapaz, que procurava abafar a cara de saudade de alguns dos seus colegas.

Aos brindes, falou em primeiro lugar o Maioral, que significou o motivo daquela reunião familiar, dizendo que ela pretendia estreitar ainda mais os laços de amizade entre os que partiam e os que ficavam. Apelou para a consciência dos quatro que iam para África, pedindo lhes vincassem bem o nome da Obra da Rua por onde quer que passassem e congratulou-se pelos casamentos realizados, fazendo votos pelas felicidades dos noivos em todo o tempo e lugar.

Falou em seguida o nosso sempre jovem P.º Manuel, que principiou por apresentar as desculpas do sr. P.º Américo e do sr. P.º Adriano por não poderem estar presentes de corpo, mas estavam àquela hora em espírito. Lembrou aos noivos, mais uma vez, a unidade e indissolubilidade do santo sacramento do matrimónio, desenvolvendo a união mística, eterna e imutável de Deus com a Sua Igreja. Estivessem certos de que lá longe, em terras de Portugal, não estariam sós, porque, assim como os bons pais, querem sempre a seus filhos, a Obra da Rua acompanhá-los-ia através de



Abel Barros dos Santos

Maria Isabel



Simões e mulher

César e mulher

todas as vicissitudes, regozijando-se com o bem e com o êxito que pudessem alcançar, e participando, ao mesmo tempo, com eles das inquietações causadas pelas incertezas da vida. Mais disse da admiração que sentia pessoalmente por todos, e as suas palavras eram, na verdade, as de um sincero irmão e amigo, sempre pronto a abençoar-nos. Acabou por brindar em acção de graças a Deus.

Seguiram-se os abraços fraternais. Outra nota bem característica da sã camaradagem que existe em nós: alguns rapazes choraram copiosamente, abraçados num adeus de saudade sem fim, onde estava bem patente a ternura de seus corações. Que belo quadro, sincero e comovente, aonde a bondade espontânea e sem artificios de maneiras contrastava com aquelas maneiras sem bondade com que muita gente se mascara continuamente!

E lá foram, rumo ao mar. Deixaram o pai, a mãe, os irmãos, os amigos, para se unirem às suas mulheres, e serem os dois numa só carne. Companheiros a viverem em comunidade e união e complemento um do outro. O homem a amparar a mulher com a sua força generosa, levando-lhe alegria estampada no rosto com o fruto do seu trabalho quotidiano; a mulher a amparar o homem com o sorriso casto dos seus lábios sempre prontos a perdoarem, e a dar-lhe alento nos momentos de desânimo e de abandono moral.

Lá foram, com a saudade no peito!

Nós, de cá, com a mesma saudade, murmurá-mos-lhes:— ide, sede felizes!

H. F.

SEMENTEIRAS

A sementeira é feita nas almas.

São as almas que semeiam nas almas. Palavras, leva-as o vento! O semeador é um gigante, a correr e a sentir.

Não importa a colheita; a sementeira é que é. Jesus Nazareno semeou a vida e colheu a morte — e que morte! Ele é aquele homem que saiu a semear. Ele ensinou. Quem não semeia com Ele, desperdiça.

Desta feita, foi por Coimbra. Começou-se em Coimbra, nas Igrejas da Sé, de Santa Cruz e de S. Bartolomeu. Se juntarmos ao que caiu na saca, dentro das igrejas, um envelope que me deram na rua, chegamos à bonita soma de onze mil escudos. Deixei a saca ao P.º Manuel e larguei para Lisboa. Igreja dos Mártires. Dez mil escudos. No fim da missa das doze, vem uma pessoa à sacristia dizer que nada tinha escutado, pela distância — *mas tome lá*. Era uma nota de 500\$00. Não ouviu, mas já tinha ouvido, seguramente, senão ficava com o dinheirinho na algibeira e dava o tostão da praxe. Dei a saca ao P.º Adriano. Eram 3 horas da tarde quando almocei.

Manhã seguinte, vem P.º Adriano do Tojal e gastamos o dia inteiro a dar voltas pelos ministérios e outras casas da governança. Ele grémios. Ele institutos. Ele comissões. Começamos às dez da manhã e às cinco da tarde ainda andávamos nas ruas a perguntar às polícias aonde fica isto e aquilo, mas eles sabem pouco. De uma vez, perguntei a um se me sabia informar aonde ficava certa rua. O homem olha para mim, mete a mão à algibeira, rapa de um roteiro cujas folhas vai virando, virando, virando. Torna a olhar e dizer baixinho: *Deve estar aqui*. Depois do que, levanta os olhos do livro e pergunta-me se eu sei lêr! Eu disse que sim. *Então veja. Deve estar*

ai no livro. Isto foi há um rôr d'anos, sim, mas foi.

Andamos por lá, como ia dizendo, até às cinco da tarde. Padre Adriano, já com um bocadinho de tarimba, ia-me informando: — *Aonde vir um pau de bandeira, procure letreiro à porta; deve ser lá*. Às vezes era mesmo como ele dizia. Entrávamos e falávamos ós Senhores. Eu apresentava P.º Adriano. Os senhores tinham muito gosto em conhecê-lo, já se vê, e depois de vender o nosso peixe, iam dali para outra praça, vender mais peixe. Passava muito das cinco, quando saímos da Emissora, aonde fôra gravar um disco de oito minutos. O sol daquela hora era poalha d'oiro e dizia bem no granito das casas. Um nadinha antes de S. Bento, está uma Esquadra com seus calaboiços, e a uma janela, espreitavam 3 garotos da rua. Adriano e eu, paramos, fascinados pela beleza e feridos pela dôr. Aproximei-me das grades da janela, e como esta fôsse ao nível do passeio, aninhei-me no chão, para sentir o bafo dos três prisioneiros. Um de nove. Um de onze. Um de quinze. Há cinco dias estava ali um deles; os outros há menos tempo, mas todos por dias. Oh Mães, que tendes fatura para os vossos filhos; estreitai-os e chorai por aqueles. Talvez seja por não terem pão que elas, as suas mães, os não vão buscar!

O mais pequeno tem sardas no rosto, olhos azuis, cabelo loiro. Perguntado o que desejava, não respondeu. Deita as mãos fora da grade e estende os braços até aonde eles podiam chegar. Não queria nada. Queria alguém. Alguem que fizesse seus, os seus bracitos abertos! O sol era poalha d'oiro. Lisboa regorgita. Naquela noite, em S. Carlos, uma companhia de opera alemã, chorou a sua e a desgraça do seu povo, cantando Ricardo Wagner!

E a creança de olhos azuis e cabelo loiro, es-

tende os bracitos a quem passa, de dentro de uma prisão!

Adriano mais eu, entramos na Esquadra. Dissemos quem eramos e o que desejávamos: Levamos os dois mais pequenos para a Casa do Gaiato de Lisboa. Nós eramos ali os *dois felizes* entre milhares de Lisboa. Tínhamos vontade e os meios de resgatar dois inocentes. Chefe do posto toma o telefone. Recado vai. Recado vem. Mais uma vez a letra *matou* o espírito e nós deixamos na prisão um pedaço do nosso ser! Chegou-nos a hora da tristeza. Eu tinha os três no meu peito, mas sobretudo o mais pequenino; o que me estendeu os braços. Eram horas de nos despedirmos. Adriano, para o Tojal. Eu, para Paço de Sousa, no correio da noite.

Estávamos numa avenida, a dar os últimos retoques no quadro das nossas vidas, quando demos por um grupo de farrapões rua abaixo, com girasóis de papel, espetados numa pinha. Tinham chegado nesse dia de Monforte da Beira, em caravana, a mendigar, e assentarem arraial nas Furnas, a pátria dos três do calaboiço. Miséria atrai miséria. Passava um mundo de gente àquela hora. Era uma avenida elegante, em hora elegante. Por isso mesmo, não podiam vêr a desgraça que acabava de chegar de Monforte da Beira. Vimo-lo nós, que não somos elegantes, e desutamamos a dizer mal. Dizer mal das comissões de assistência municipais e paroquiais e distritais, por onde passou aquela e outras tantas caravanas passam. Dizer mal por não sustar e impedir e amparar nos seus territórios, a mendicância ambulante. Dissemos mal e dissemos mal, e dissemos mal, tendo-nos separado azedos, nós que andamos todo aquele dia tão irmãosinhos, e gostaríamos de es-

— — — Continua na página seguinte — — —

Isto é a Casa do Gaiato



ONTEM teve lugar a ceifa do nosso centeio. Três searas dele, que mais pareciam fios d'ouro do que palha doirada. Marcado que foi o dia, logo trataram os maiores das coisas indispensáveis para a festa da colheita, foguetes na cabeça do rol. Consultou-se quanto à qualidade e quantidade, ficando determinado uma dúzia de foguetes de cinco estoiros, uma dúzia dos de seis e meia dúzia de bombas riais. Poeta tomou a encomenda, montou na bicicleta e partiu para casa do fogueteiro. Ao mesmo tempo, o Sérgio comprou papel e fez um grande balão. Isto passou-se de véspera; na tarde da véspera do grande dia. A ceifa foi já um bocadinho nervosa; sabia-se que tinham chegado os foguetes e o sítio onde estavam guardados. Sabia-se mais que o balão estava feito e prontinho a subir...! Nas casas da aldeia cada um na sua, foi conversa de todos, antes do adormecer e muitos deles devem ter sonhado com o dia seguinte. Chega o dia. Há o cerco. As foicinhas atacam. As espigas caem. Dns paveias fazem-se melhos e destea rolheiros, que ficam na eira, ao sol, até o dia do bater. É uma hora saudável e creadora. Parecem montea de palha, e é pão! Pelo meio do dia, subiram os primeiros foguetes. Rio Tinto, Sérgio e Poeta botaram cada um o seu. Coincidiu com a hora em que o gróssio da malta saía das escolas. Não é preciso dizer mais nada...! Mãe não foram somente os da escola. Na cozinha não ficou ninguém e os administradores do jornal, também se descompozaram! O Cete lançou-se, ate, por aí abaixo e apanhou uma cana de foguete que mostra aos seus companheiros, ainda a fumar: *É minha*. E lá a tem no escritório da redacção, encostada à parede, como sinal do seu arrójo!

Piriquito, não foi à escola, de tarde: Toma uma foicinha e faz-se ceifador. É sempre assim. Tem sido sempre assim. Pelas ceifas e vindimas, *Piriquito* não é barbeiro nem vai à escola. É da festa. Ele é a festa. A gente vê e fecha os olhos. Estas festas não fazem mal a ninguém. Vem agora a merenda. Merenda dos ceifadores; melhorada e regada. Não houve escola da noite. Não houve doutrina. Houve três horas delirantes, das seis às nove. Subiram os foguetes. Subiu o balão. Veio a nossa festa: harmónica, 2 violas, 2 cavaquinhos, castanhetas, ferrinhos, pandeiro e tambor.

Os cantadores estavam e desempenharam o seu lugar. Apesar de Junho, o dia foi pequeno; não chegou para a romaria. Veio a ceia. Veio o terço na capela. Veio o cântico final a vozes e órgão; — os mesmos cantadores da Rabelada! Quer no cumpo, quer na eira, quer na capela. Que importa o lugar, se o espírito é que louva o Senhor!

Qu' quer mais que bebais, fazei tudo em nome do Senhor.

OUTRA quadrilha! Desta vez foi dos mais crescidos, alguns, até, com anos de casa! Cautela! A nossa aldeia reluz, sim, mas não é d'oirol! Ponhamos as coisas e as pessoas no seu lugar e ao depois apreciemos. Chegou a hora de fazer um nadinha de marcha atrás, quando todo o mundo deseja caminhar com a *Obra da Rua* à sua frente. Sim. Uma quadrilha d'elea na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Era assim:

costumam vir grupos de rapazes, jogar a bola ao nosso campo. E' aos domingos. Não há trabalhos. Os jogadores despem-se, deixam a roupa e os tais vão e escovam-na...! São *honestos*. Tostões. Notas não. A alhada foi descoberta e dirimida pelos chefes, Sérgio à cabeça. Sérgio, entendeu-se com os roubados, pediu desculpa, e só lhes não deu o dinheiro porque eles o não aceitaram. Sérgio, entendeu-se *também* com os ladrões... Eis aqui o valor de uma obra de rapazes, para os rapazes, pelos rapazes. Se os *ladrões* assim se não endireitam, dificilmente o farão noutras casas, e na rua, isso é que *nunca*.

Saibamos dar o desconto à herança que esta sorte de rapazes traz consigo, como propriedade sua. Vê-los, não é conhecê-los. Ainda ontem um, que já trabalhava no Porto há um rôr de tempo, veio-nos declarar com lágrimas nos olhos, que quer regressar a Paço de Sousa. Não tem forças. Sucumbe... É a herança! Temos cá um a quem sucedeu precisamente a mesma coisa, e tem sido aqui um grande e alegre trabalhador. Ora vamos então a pôr as coisas no seu lugar. Primeiramente, nada de entusiasmos. Esperar sempre o pior sem jamais perder a esperança de uma recuperação total. Quando topas nas ruas do Porto um dos nossos bem vestido e bem falante, vê uma verdade. É ele. Mas não está tudo à vista. Em segundo lugar, demos graças a Deus por ter criado e mantido um refúgio em Portugal, aonde *estes* herdeiros possam trabalhar livremente por se despojarem da sua triste herança. Desta forma e por este conceito, ninguém se engana, porque a *Obra da Rua* não quer passar gato por lebre. Eis.

AQUI há tempos, Zé Eduardo esteve em Paço de Sousa e pediu ao P.º Fatela uma das várias máquinas fotográficas que nos oferecem e ele guarda. Vi-o mais tarde, no Lar do Porto, a manobrar... Notei mais, na sua conta corrente, uma verba lançada pela compra de material fotográfico. Tive, ainda, ocasião de observar várias fotografias, obra da sua mão curiosa.

Ontem, de passagem pelo Porto e regresso de Lisboa, o Carlos mostra-me uma outra máquina, que tinha pedido ao mesmo senhor P.º Fatela e ia naquele momento comprar o primeiro ról, por doze mil e quinhentos. Como também eu tivesse de sair, tomamos os dois rua abaixo e foi então que eu aoube coisas bonitas. Ei-las: Zé Eduardo, tira retratos aos seus companheiros, e leva dois mil reis por cada um! Menos do que isto, leva um profissional, com porta aberta e impostos de indústria; noutra dia, paguei eu por meia dúzia deles, dez escudos. Zé Eduardo, quer doze. Uma comedia! Mas não ficamos por aqui. Carlos vai conversando, e quando eu esperava ouvi-lo falar da sua nova *empresa* como um entretenimento saudável, eis que oiço da sua intenção. Carlos vai-se dedicar à fotografia, para roubar os fregueses ó Zé Eduardo, fazendo preços mais baratinhos! Nova comedia, agravada com uma deslealdade. De sorte que, sem querer que tal aconteça, afigura-se-me que estamos fazendo nas casas do gaiato, verdadeiros homens de amanha...! O *Piriquito* já deu sinal: na aldeia, é do *Benfica* e no Porto é do *Porto*, como aqui foi dito do último número! Lentilhas. Vender-se o homem

ao homem por um prato de lentilhas. Oh desgraça das desgraças!

EU tinha ido ficar ao Lar do Porto, assistir à expedição do famoso. No dia seguinte, de manhãzinha, chegam 4 vendedores de Paço de Sousa. Frescos, alegres, vestidos de linho, traziam borra nos bolsos e cheiravam a flores. Os lotes da venda, estavam feitos desde a véspera. Eles conferem, à roda da mesa, na sala das expedições. Foi nesta altura que se viu um grilo a saltar da algeira do Abel. E mais um grilo. E mais um grilo!

Não me tive que não perguntasse.
— E' uma encomenda?
— Sim. Foi uma senhora dos correios que me encomendou grilos.

Chico de Casaldêlo estava ali ao pé e atalhou. Chico de Casaldêlo era da comunidade de Paço de Sousa, mas agora está no Porto, empregado. Explicou os grilos. *A senhora dos correios é minha freguesa e foi ela que me encomendou os grilos, mas como no Porto não há grilos, eu pedi ó Abel que nos trouxesse de Paço de Sousa*. Estas são as palavras do Chico de Casaldêlo. Ora eu só espero que estas coisas não venham a chegar aos ouvidos do Senhor Director Geral dos Correios Telégrafos e Telefones, não vá Ele abrir devassa e,

por ela, venham a sofrer as freguesas do Chico de Casaldêlo e mais do que elas, a nossa obra.

EU ia no Morris. Ali à beira do Rialto, uma senhora faz de sineleiro, plantada no meio da rua, e íntima. O carro parou. Eram 6 da tarde, um mundo de gente. Aproxima-se, mete a mão na carteira e dá-me duas notas de 500\$, ao mesmo tempo que diz: *ganhei-as a cantar como o Bucha*. Tudo isto foi obra de um instante.

Eu fiquei a meditar na força do quinzênal! Aquela senhora é, com certeza, uma cantora profissional, que tem os seus afazeres e *também* o tempo que rouba ao seu tempo, para ler *todas* as letras que lá vêm! Realmente, em um dos números passados, falava-se no *Bucha*, quando andava pelas tascas, a comer figos e a cantar por eles. O *Bucha*, cantou na festa do Coliseu o *O' Ti Marcolino*. Propositadamente se fez dele um número. Não que ele tenha voz ou aparência. Não tem nada disso, mas tem algo que vale mais. E' um salvado. E é isso que faz chorar. Aquela senhora elegante, àquela hora e naquele sítio, disse bem alto esta verdade. Parece ao mundo que é o jornal que diz as coisas e não é. Estas coisas estão dentro de cada um. Aqui é que está.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Um dia destes telefonaram de Coimbra a dizer que fossemos esperar os rapazes que iam para as colónias porque não conheciam nada em Lisboa. Como o senhor padre Adriano não podia lá ir, fui lá eu esperá-lo. A's sete e meia já eu estava na estação de Santa Apolónia. Traziam com eles perto de uma dúzia de malas e alguns embrulhos pequenos. Eram dez horas quando conseguimos arrumar as malas. Depois fomos tomar o café e em seguida levei os para o Rossio. A's onze horas tínhamos de estar no Ministério das Colónias. Na sala de espera, pensamos a maneira de sermos os primeiros a ser aviados e conseguimos. Quando andávamos à procura do senhor Sub-Secretário do Ministro, foi ele quem se dirigiu a nós. Tivemos de correr a cidade toda numa ponta à outra. A's oito horas segui com três casais para o Tojal, ficando um em Lisboa com a família.

Quando dizíamos que eramos da *Obra* do senhor padre Américo, eramos logo atendidos. A viagem era para ser no dia sete, mas ficou para o dia quinze de Junho. Eles já tem tudo arranjado, agora só falta irem para A'frica. Deus lhes dê boa viagem é que nós desejamos.

2 Chegou-nos a notícia que vamos ter dentro-em pouco cinquenta patos que vêm numa pátieira do M. E. Com os miuditos que já cá temos e com os que estão no choco ficamos aí com setenta patos. Com mais trinta

galinhas que cá temos fica muito-bico a comer. Agora o que era bom é que alguém se lembrasse de mandar milho para nós e para eles. O Carlot já não dá vencimento a cortar couves para os que cá estão, quanto mais para os outros. Os miuditos ajudam-nos também porque vão aos caracóis e às moscas. Para os pombos que são também duzentos não é preciso milho porque como andam na ceifa do trigo eles lá se governam.

3 Chegou outro rapaz de novo, é de serpa. Vieram-no cá trazer dois senhores por volta das quatro horas, pois às cinco já cá não estava, tinha-se metido no meio do povo que ia ao cemitério ver um garoto que se tinha enforcado. Foram uns para o lado de Loures à procura dele, outros para as lezírias e ainda outros para Bucelas. Fui eu dar com ele no cemitério de S. Julião. Quando eu fui busca-lo ele agarrava-se às pernas dos senhores e não queria vir julgava que isto aqui fosse algum asilo. Eu ia para o pôr ao colo e ele espernegava dizendo: — Não quero ir para o asilo porque me batem muito. Tanto o atentei que ele resolveu vir para casa. Apenas o senhor padre Adriano lhe deu amêndo-as nunca mais quiz fugir. Eie tem seis anos e é gordo como o Sancho—pança. Só diz que não quer cá estar de manhã quando se leva para o banho por fazer na cama. Quando vê a água faz um berreiro que deita a casa abaixo.



Dois grandes amigos